

CLIO SAI DO ARMÁRIO E APESAR DAS LUTAS, JÁ TEM MUITO O QUE FESTEJAR

CLIO COMES OUT OF THE CLOSET AND DESPITE THE
STRUGGLES, SHE ALREADY HAS A LOT TO CELEBRATE
CLIO SALE DEL ARMARIO Y A PESAR DE LAS LUCHAS,
YA TIENE MUCHO QUE CELEBRAR

Jackeline Albuquerque da Rocha¹

RESENHA

SCHMIDT, Benito Bisso; VERAS, Elias Ferreira; RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço; (Orgs). *Clio sai do armário: Historiografia LGBTQIA+*. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2021.

“Perdoem-nos a falta de modéstia, mas esse livro é um marco”, assim é apresentado o livro *Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+*, a resposta à essa apresentação não poderia ser outra a não ser: não há necessidade de modéstia. Esse trabalho coletivo é sim um marco e deixa marca em seus leitores, com reflexões diversas em cada um dos textos já que a cada capítulo o livro nos mostra que há diversas temáticas LGBTQIA+ sendo discutidas e muitas outras ainda esperando para serem apresentadas à historiografia.

O “acontecimento inaugural”, como as próprias organizadoras falam, foi em julho de 2019 em Recife, durante o 30º Simpósio Nacional de História promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil), o simpósio temático “Clio ‘sai do armário’: Historiografia LGBTQIA+” foi dedicado ao tema das sexualidades dissidentes da cisheteronormatividade, organizado

.....

1. Mulher, branca, cisgênero e bissexual. Graduada em História pela UFG e membra do LaGED - UFCAT. Desenvolveu pesquisa de monografia com o título “Entre atos e afetos de Virginia Woolf”. Atuou na rede pública e privada de educação de 2015 a 2018. De 2018 a 2020 realizou intercâmbio na Irlanda. Atualmente é professora de História e Inglês e aluna especial no Mestrado profissional em História pela UFCAT.

por Rita de Cassia Colaço Rodrigues, Elias Ferreira Veras, com a colaboração de Benito Schmidt. Esse grupo composto por 26 historiadores, que por uma semana foi um “animado gueto” têm a ambição de que os debates acontecidos naquele espaço possam tensionar e dialogar com o *mainstream* historiográfico.

O livro então fruto desse encontro reúne 14 textos com pesquisas diversas sobre pessoas LGBTQI+ onde todas ao fugirem da cisheteronormatividade enfrentaram estigmas sociais e aqui, nas mãos das autoras e autores, esses estigmas foram resignificados como marcas de orgulho e resistência, apresentando de forma magnífica esse recente despertar dentro da historiografia brasileira, se tornando assim um marco historiográfico e político!

Durante a elaboração desse livro, o Brasil vivia um dos momentos mais críticos da nossa história, afundado em retrocessos políticos, sociais e morais; e no momento de escrita dessa resenha, agosto de 2021, infelizmente continuamos no mesmo momento e com o desesperador adicional da pandemia de Covid-19 que se espalhou pelo mundo em 2020 e até agora ceifou mais de 4 milhões de vidas pelo mundo, dentre estes 576 mil pessoas eram brasileiras e brasileiros. Neste momento o Brasil se encontra no 3º lugar no ranking mundial de casos de Covid-19 ficando atrás apenas dos EUA e Índia. Essa posição mundial se deu dentre vários motivos, pelo descaso do governo atual com a saúde e segurança da população, descaso com a vida. Esse descaso já era visto desde o primeiro ano de governo, 2019, com a supressão de dados referentes à violência contra a população LGBTQI+, em 2021 esse descaso continuou se alastrando para todas e todos. Como bem explana Joana Maria Pedro, que escreve o prefácio, este livro então

é o resultado do entrecruzamento de dois movimentos: de um lado, o crescimento e a legitimação deste campo de conhecimento [...] promovido pelo esforço de pesquisadoras e pelo aporte de recursos; de outro lado, o movimento de desqualificação e criminalização das pessoas que estudam e ensinam questões ligadas a estas temáticas. Esta oposição à temática vem acompanhada de toda uma simbologia ligada à masculinidade heterossexual e cis. (PEDRO, P. 17)

Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+ assume a falta de intelectuais trans entre as autoras dos textos apresentados e entende que é uma lacuna que deve (urgentemente) ser preenchida, o que não anula a verdade máxima: este livro é resultado de lutas, é também um marco na historiografia brasileira, não se limitando à apenas uma região do país, e nem a um só tipo

de fonte, do Piauí à Alagoas, Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, de laudos médicos à jornais, de processos-crime à literatura esse trabalho coletivo é de suma importância na (re)existência da população LGBTQIA+.

É notório o cuidado na organização e sequencia de cada um deles, o texto de abertura é de um dos organizadores, em *História LGBTQI+ no Brasil: Atravessamentos entre militância e produção acadêmica*, Benito Bisso Schmidt apresenta um breve panorama tanto dentro quanto fora da academia, sobre a produção de histórias LGBTQI+ no Brasil, mostrando como os discursos e as práticas de resistência estavam interligados; Com um trabalho historiográfico amplo, ele mostra quem foram as pessoas e quais trabalhos foram desenvolvendo os caminhos para chegar até aqui, na produção de um livro integral com textos sobre a população LGBTQI+. Assim, de forma breve ele identifica os contextos das produções anteriores e situa essa livro/coletânea numa trajetória anterior de debates e reflexões. Sendo um dos organizadores, eles mesmo já aponta, o que poderia ser uma das únicas críticas à esse trabalho coletivo, a ausência de produção sobre homens trans, sobre pessoas bissexuais ou intersexuais, apontando para uma hierarquia política e acadêmica. Ao destacar a diversificação espacial, de fontes, e de períodos diferentes, Schmidt nos mostra que “o argumento da falta de documentos não é plausível para justificar a “timidez” da história LGBTQI+ e que muitas searas arquivísticas ainda podem ser desbravadas.” (P.30).

O texto seguinte, de Paula Silveira Barbosa, intitulado *Os desafios de historiar a Imprensa Lésbica Brasileira*, apresenta as dificuldades de lidar com fontes, seja por estarem em domínios privados ou até mesmo a destruição destes. Assim a autora busca identificar iniciativas de memórias, nem sempre formais, mas que ajudaram a traçar um caminho até aqui. Destaca por exemplo iniciativas de Rita de Cássia Colaço Rodrigues, uma das organizadoras deste livro, que foi a primeira lésbica a publicar um livro sobre homossexualidade no Brasil. Na busca por manter viva a memória sobre lésbicas e seus saberes coletivos, Barbosa acredita que assim impedirá a “trajetória de apagamento e distorção que marca a construção de narrativas históricas sobre esse segmento.” (P. 43)

Partindo para a literatura, Daniel Vital Silva Duarte em *Sobre andrômanos e efêbos: notas sobre corpos rebeldes em Abel Botelho e Alfredo Gallis (1891 -1906)*, fala sobre a produção literária envolvendo Portugal e Brasil, e como nesse período esta produção era influenciada pelo naturalismo. As obras usam constantemente metáforas e apresentam argumentos do caráter médico psiquiátrico da época. O autor nos apresenta duas obras literárias e discute,

dentre outros pontos, como os enredos constroem a ideia de sexualidade perversa partindo da dinâmica de “passividade” e “atividade”. Conclui que à época ao entenderem que havia uma barreira frágil de gênero, o fazer-morrer era necessário para a manutenção da mesma.

No mesmo período, mas agora no Rio de Janeiro, a pesquisa de João Gomes Junior, *“Ser puto não tem idade”: controle e repressão da homossexualidade entre meninos e rapazes no contexto de estabelecimento da ordem burguesa no Rio de Janeiro (1890-1930)*, utilizando de fontes literárias, instrumentos legislativos e teses médicas, apresenta a personagem Bembem, que ao ter seus desejos sexuais descobertos pela família é expulso de casa e precisa se prostituir para sobreviver nas ruas. Utilizando desta história, o autor mostra como as ordens institucionais tentaram controlar o homoerotismo e a prostituição entre menores de idade visando manter uma imagem do Rio de Janeiro como uma sociedade burguesa e moderna. Citando médicos da época o autor mostra como essas práticas vistas como “vadiagem” eram punidas, sejam em hospitais sejam em prisões. Por fim o autor mostra de forma excepcional, como o papel das famílias entra nessa busca pela ordem burguesa. Com a construção da ideia de que as crianças são o futuro da nação, a infância passa por uma reformulação visando aspectos morais e sociais para a ordem do trabalho. Assim as ideias de preservação da honra, da moral e da sexualidade “normal” e comportamentos “saudáveis”, são construídas e levadas “a cabo por médicos, juristas e pedagogos dedicados a regularizar os afetos, o cotidiano, as condutas e a vida privada das pessoas.” (P. 74)

Ainda na década de 30, o texto *“Frescos” e “Valentes”: as homossexualidades masculinas entre subalternos no Rio Grande do Sul (Década de 1930)*, de Rodrigo de Azevedo Weimer, utiliza de dois processos-crime e analisa as concepções relacionadas às noções de “atividade” e “passividade”. Com uma escrita envolvente Weimer nos apresenta o primeiro processo-crime que envolve uma briga entre dois homens dentro do cárcere. Durante o inquérito descobrem que eles mantinham uma relação conjugal, e pelos arquivos é possível perceber uma relação de dominação e poder. Ao adentrar mais na história de Antônio e Pedro, o autor descobre que Antônio foi preso por matar um homem que possivelmente teria se recusado a assumir o “papel de mulher”. Assim Weimer percebe como a preocupação com “ativo” e “passivo” aparecem nos inquéritos mas não nos processos, a todo momento percebendo essa sociedade falocêntrica. Partindo dessa perspectiva Pedro seria fresco, passivo, já para Antônio

essas questões nunca aparecem visto que o último pratica atos de “pederastia ativa”. Weimer encerra trazendo outras possíveis análises destes casos, o crime que levou Antônio à prisão, aconteceu na zona rural, apontando para uma nova área a ser explorada já que não é muito comum fontes sobre crimes nesses espaços e o fato de Antônio ser negro, podendo render discussões interseccionais entre classe, raça e sexualidade.

Julia Aleksandra Martucci Kumpera em *Entre a clínica e o quartel: o “lesbianismo” em documentos da ditadura militar brasileira*, analisa os discursos durante a ditadura civil-militar no Brasil, que buscavam categorizar o lesbianismo e as lésbicas como patologia e crime. Para o desenvolvimento da pesquisa Kumpera analisou relatórios do aparato repressivo e buscou entender qual lugar as mulheres militantes ocupavam e quais discursos estavam sendo produzidos sobre estas mulheres. A autora percebe a herança das teorias médicas do século XIX, e como essas concepções moldaram as lentes com as quais os militares olhavam para essas mulheres, militantes de esquerda que rompiam com os padrões de feminilidade. A autora apresenta a noção de Nação Heterossexual, de Ochy Curiel e compreende que esta é uma categoria útil para analisar a ditadura civil-militar no Brasil que numa mistura de anticomunismo, defesa da moral e dos bons costumes e religião criaram uma ideologia de ódio e combate às existências lésbicas pós golpe de 64, o que perdura até os dias atuais mesmo com o retorno à democracia já que ainda não deixamos de viver numa nação heterossexual.

O capítulo 7 é um deleite ao leitor, Kyara Maria de Almeida Vieira tem uma escrita atraente e objetiva, fazendo com que ao final o leitor fique querendo mais. Em *“Dêmonio das letras, papisa do homossexualismo, rainha das lésbicas? Cassandra Rios e as muitas inscrições de si, entre erotismo e a pornografia*, a partir de jornais, revistas e autobiografias publicadas entre 1970 e 2000, fala das representações construídas pela e para Cassandra Rios no que tange a pornografia, erotismo e sexualidade e como a autora estabelece fronteiras para defender sua obra, comumente acusada de pornografia. Cassandra defende sua obra tendo amor como código existencial assim sua escrita responde a necessidade de escrever em defesa dos sentimentos. Cassandra precisa criar mecanismos que defendam sua obra e que garanta a sua publicação e ao conseguir criar e estabelecer essas fronteiras ela se torna uma das únicas mulheres que conseguiram sobreviver de seus direitos autorais. Kyara nos mostra como a autora se defendeu de tais acusações e como ela “brincava” com pseudônimos masculinos para burlar as regras do “campo inimigo”,

assim Cassandra deixava evidente que não eram suas obras que estavam sendo perseguidas, mas sim ela própria. Não há melhor forma de encerrar do que citar diretamente Kyara que sobre a escrita de Cassandra Rios diz

Sua escrita desliza sobre corpos que se permitem uma experiência de embriaguez dionisíaca mas sem perder a lucidez apolínea, rindo da tragédia que é viver e brincando com a dor e o sofrimento enquanto forças destrutivas e também criativas, que os impelem em direção ao porvir. (VIEIRA, P. 128)

Kleber José Fonseca Simões em *Bonecas: faxina depois do desfile. A atuação da delegacia de jogos e costumes de Salvador na prisão dos corpos dissidentes da cisheteronormatividade nos anos de chumbo da ditadura civil-militar brasileira (1968 a 1978)*, utiliza de notas publicadas nas páginas policiais dos jornais *A Tarde* e *Tribuna da Bahia*, para analisar uma biopolítica da cisheteronormatividade, que dá visibilidade ou invisibilidade à corpos e na busca por regular estes corpos, determinam os que são vivíveis ou morríveis. O autor também faz um levantamento de espetáculos censurados e todos tinham corpos que não eram possíveis de serem encenados já que estavam relacionados a sexualidades dissidentes da heteronormatividade. Percebe-se assim noções de higienismo social a partir de como os jornais noticiavam prisões de travestis no período, porém mesmo com a passagem para a democracia (reflexão similar ao texto de Kumpera) essa biopolítica ainda permanece, estabelecendo os estereótipos ainda vigentes de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros estando sempre relacionados à prostituição e criminalidade. O autor encerra defendendo que apenas com a coletividade poderemos garantir uma sociedade verdadeiramente democrática onde todos os corpos e vidas sejam respeitados e tenham seus direitos assegurados.

Rita de Cassia Colaço Rodrigues, em *Cesinha, o serventuário do Balacobaco: Astúcias de gênero e discriminação numa corte de justiça*, nos apresenta de forma instigante a história de César Augustus de Souza, que foi alvo de vários processos administrativos por conta da sua apresentação de gênero. Ela começa nos apresentando partes dos processos e as incoerências de quem acusa e pede a remoção de César uma vez que o mesmo já havia formalmente elogiado o serventuário, a princípio a acusação era de insubordinação mas, ao não conseguirem manter este argumento, o real motivo vem à tona, Cesinha vai ao trabalho travestido, pinta a unhas e usa roupas de mulher. Daí se desenvolve toda uma disputa judicial e de capital simbólico, uma vez que

perceptivelmente o poder do adversário era desproporcionalmente maior. Cesinha de forma astuta e inteligente, ativou vários mecanismos para sua defesa como aparições em revista, baixa-assinado com mais de 200 assinaturas dentre outros. Mas sua existência e sua “ousadia” em vestir-se de mulher à luz do dia foi motivo “suficiente” para sua punição.

Em *Gay é liberdade: homossexualidades em Maceió na abertura*, Elias Ferreira Veras a partir de publicações em jornais, reflete sobre a *União dos Viados de Alagoas* (UVA) e quais os significados e legados de seu aparecimento público na década de 80, mostrando as contradições desse período de abertura política que foi marcado por emergência e repressão, controle e resistência, vulnerabilidade e luta. Ao mesmo tempo que recupera parte da história LGBTQI+ em Maceió e lhe dá devida importância na historiografia.

O texto seguinte de Hélio Secretário dos Santos, *Luiz, o “bom moço”: assassinato, homossexualidade e prostituição em Teresina na década de 1980*, retrata como a imprensa piauiense publicou discursos homofóbicos na cobertura do assassinato de Luíz. Em escaladas rápidas, os jornais que começaram noticiando o assassinato de um jovem, funcionário da Caixa Econômica Federal, passaram a falar de orgias e drogas até chegaram aos discursos homofóbicos, que se deu principalmente a partir das investigações apontarem que Luíz se envolvia com várias outras pessoas. Esses discursos mostram a permanência da homofobia ao mesmo tempo que mostram as lutas das dissidências de gênero e sexualidade. Hélio no entanto não se limita ao caso de Luiz e apresenta outros casos chegando até os dias atuais, reforçando como essa discussão ainda é extremamente importante, já que vivemos num momento onde as políticas públicas voltadas ao público LGBTQI+ estão sendo constantemente ameaças. Essa luta por direitos continua como tema nos três últimos textos.

Rafael França Gonçalves dos Santos em *Histórias não contadas: (Re) existências travestis em Campos dos Goycatazes (RJ) na década de 1990*, partindo da própria vivência como organizador na Semana da Diversidade LGBT em 2013, passou a refletir sobre quais grupos antecederam estes movimentos na cidade percebendo uma hierarquia dentro das mobilizações uma vez que ouvia entre seus pares que a mobilização teria começado em 2006 com a Parada GLBT, Santos percebe então um apagamento da população trans, seja na imprensa, seja nas narrativas das participantes da Semana da Diversidade, já que na década de 1990 com a emergência da AIDS, foi a população trans

que teve papel central nessa pandemia, garantindo a sobrevivência daquelas e daqueles que necessitaram de ajuda. O autor encerra o texto reforçando a necessidade de não esquecermos o passado, identificar os sujeitos que as constituíram e dar-lhes a devida importância.

No penúltimo texto, Augusta da Silveira de Oliveira, intitulado *Em busca da “Igualdade”: A luta pela cidadania da população trans em Porto Alegre (RS) na década de 1990*, utilizando-se de relatos orais, apresenta o pioneirismo do Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA), no Rio Grande do Sul. Para além do propósito central do grupo, havia um grupo de travestis e transexuais que organizavam oficinas de formação e cidadania para que essas pessoas se reconhecessem como cidadãs, essas oficinas refletiram na tomada de consciência do eu e dos direitos que cada uma dessas pessoas deveriam ter. Dessas oficinas nasce a ONG Igualdade, que para além das funções que a GAPA já oferecia, passou a ofertar diversos cursos e se fortaleceu como ponte para o diálogo com as instituições do Estado, sendo vista como referência para a população trans em Porto Alegre.

O texto de encerramento do livro, *Os quadros de Márcia Mendonça, Orham Pamuk e outros enquadramentos: ensaios de uma corpografia trans*, de José Wellington de Oliveira Machado, traz uma escrita apaixonada e apaixonante, ao apresentar as artistas Márcia Mendonça e Orham Pamuk, dentre outras e outros, o autor faz uma bela análise sobre como para artistas trans, suas batalhas também se dão no corpo e por meio do corpo. O autor discute a diferença entre carne e corpo, e como este último se forma a partir do contato com a cultura, enquadramentos que formam o corpo já idealizado antes mesmo do parto e como após a morte a memória se encarrega da produção de corporalidades. Defende que “o problema não são os quadros; é a maneira como acontecem as delimitações” (P. 244) e como essas “molduras” são instrumentos de controle e exclusão. Utilizando de forma perspicaz o termo “enquadrar” que é utilizado tanto na arte quanto no meio policial, o autor encerra seu texto de forma poética e instigadora, deixando o leitor com uma série de reflexões sobre corporalidades e enquadramentos. O que essas molduras permitem mostrar e o que elas deixam de fora?

Percebe-se então com os 14 textos do livro/coletânea que várias lacunas sobre a história da população LGBTQI+ começam a ser preenchidas ao mesmo tempo que é instigante e animador perceber que ainda há muito para ser explorado e trago à luz da historiografia. O caminho está sendo

construído e este livro para além o marco que é, é a consolidação de um espaço amplo e cheio de oportunidades. Clio, apesar das lutas, já tem mas ainda terá muito o que festejar!

Referência Bibliográfica:

SCHMIDT, Benito Bisso; VERAS, Elias Ferreira; RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço; (Orgs). *Clio sai do armário: Historiografia LGBTQIA+*. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2021.

Recebido em 27 de setembro de 2021.

Aprovado em 5 de novembro de 2021.